

Este material foi testado com as seguintes questões de acessibilidade:

- PDF lido por meio do software *NVDA* (leitor de tela para cegos e pessoas com baixa visão);
- Guia da *British Dyslexia Association* para criar o conteúdo seguindo padrões como escolha da fonte, tamanho e entrelinha, bem como o estilo de parágrafo e cor;
- As questões cromáticas testadas no site *CONTRAST CHECKER* (<https://contrastchecker.com/>) para contraste com fontes abaixo e acima de 18pts, para luminosidade e compatibilidade de cor junto a cor de fundo e teste de legibilidade para pessoas daltônicas.

A educação na sociedade administrada e a crise da formação cultural

Education in the administered society and the crisis in cultural formation

La educación en la sociedad administrada y la crisis de la formación cultural

Cleudes Maria Tavares Rosa

Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC - GO), Goiânia, Goiás, Brasil
cleudestavares@gmail.com

Welma Alegna Terra

Secretaria Estadual de Educação (SEDUC - GO), Goiânia, Goiás, Brasil
welmalegnaterra@gmail.com

Resumo: O artigo discute a formação cultural como desafio político, ético e educacional. O conceito de formação cultural interroga a ideologia e alienação social e retoma-se o conceito de República. Busca-se, dialeticamente, a desmistificação da sociedade idealizada, pois a crise manifesta na formação cultural expõe problema sistêmico na educação.

Palavras-chave: Educação. Formação Cultural. Política.

Abstract: This article discusses cultural formation as a political, ethical, and educational challenge. The concept of cultural formation questions ideology and social alienation, recovering the concept of the Republic. Dialectically, it aims to demystify an idealized society, as the crisis of cultural formation brings to light a systematic issue in education.

Keywords: Education. Cultural formation. Policy.

Resumen: El artículo trata sobre la educación cultural como desafío político, ético y educativo. El concepto de formación cultural cuestiona la ideología y la alienación social, y retoma el concepto de la República. Se busca dialécticamente la desmitificación de la sociedad idealizada, ya que la crisis manifestada en la formación pone de manifiesto un problema sistémico en la educación.

Palabras clave: Educación. Formación cultural. Política.

Data de submissão: 01/06/2023

Data de aprovação: 09/09/2023

Theodor Adorno (2010) problematiza a questão da crise da formação cultural, que se manifesta em sucessivas gerações, numa perpetuação da pseudoformação, revestida pela ideologia do sistema vigente. Como essa crise da formação cultural perpassa situações ideológicas, não cabe, segundo Adorno, partir de investigações individuais ou isoladas, pelo fato de a pseudoformação se configurar em um problema sistêmico e/ou generalizado na sociedade, que ele denomina semiformação ou pseudoformação socializada. Refletir sobre a formação implica, em termos etimológicos, enfrentar conflitos e antagonismos em razão da busca de clareza, do sentido ambíguo e antagônico na sua tradução, seja de uma língua para outra, seja do senso comum para o sentido crítico e filosófico utilizado por Adorno para analisar e discutir o processo da formação e seus deslocamentos ideológicos ao longo do tempo sócio-histórico.

Em relação ao termo *Halbbildung*, deve-se compreender que há discordâncias quanto à tradução como semiformação ou pseudoformação. Alguns tradutores optam pela semiformação pela etimologia e o radical *Halb* = meio, metade; justaposto à *Bildung* = cultura, formação cultural, formação da personalidade ou educação num sentido amplo. O conceito de *Halbbildung*, por expressar um sentido dialético de negatividade, tende ao termo pseudoformação, que nega ou falseia a formação. A pseudoformação está relacionada à ideia da (de)formação

em que a relação entre sujeito e objeto torna-se idealizada, sem uma perspectiva teórico-crítica, voltada às contradições objetivas e subjetivas dessa realidade, com abrangência de uma formação ampla.

A formação cultural agora se converte em uma semiformação socializada, na onipresença do espírito alienado, que, segundo sua gênese e seu sentido, não antecede à formação cultural, mas a sucede. [...] Símbolo de uma consciência que renunciou à autodeterminação prende-se, de maneira obstinada, a elementos culturais aprovados. Sob seu malefício gravitam como algo decomposto que se orienta à barbárie. (Adorno, 2010, p. 9).

A formação, ao ser falseada por elementos ideológicos, leva à alienação e conseqüentemente à barbárie cultural. Desse modo, a concepção da cultura e da ética torna-se distorcida de seu sentido como trabalho formativo, devido à persistente racionalidade de domínio que se intensifica no sistema capitalista. Diante da demanda de indagações sobre o contexto de racionalidade administrada e de barbárie institucionalizada, cabe pensar algumas questões referentes à educação e suas contradições que podem levar à emancipação ou ao falseamento na formação.

O essencial é pensar a sociedade e a educação em seu devir. Só assim seria possível fixar alternativas históricas tendo como base a emancipação de todos no sentido de se tornarem sujeitos refletidos da história, aptos a interromper a barbárie e realizar o conteúdo positivo, emancipatório, do movimento de ilustração da razão. Esta, porém, seria uma tarefa que diz respeito às características do objeto, da formação social em seu movimento, que são travadas pelo seu encantamento, pelo seu feitiço. Por isto a educação, necessária para produzir a situação vigente, parece impotente para transformá-la. (Leo Maar, 1995, p. 12).

Nesse contexto, a educação emancipatória torna-se desafio em um momento histórico de intenso processo de instrumentalização da cultura, da arte e dos meios de comunicação que poderiam viabilizar um caminho para a autonomia dos sujeitos no sentido da educação formativa, mas, dadas as condições objetivas dos setores de poder econômico e político, não propiciam tal intento. Enfim, a desmistificação da práxis educativa e a autorreflexão poderiam proporcionar alternativa crítica para uma formação emancipatória.

Essa formação para a autonomia em que o sujeito se torna autor, conforme os pensadores clássicos, deve ser refletida no movimento do pensamento e da experiência, na constituição de um método que possa guiar sua conduta ética em um processo formativo de emancipação. Ao separar radicalmente a teoria da experiência, separa-se

sujeito e objeto, universal e particular, impedindo-se a relação dialética e contraditória de afirmação e negação de um outro, tornando-se o esclarecimento, pela não relação dialética, mito. Não foi apenas Bacon que reafirmou tal separação: desde Platão (2001, 2006), passando por Kant (1969, 1995) e alcançando Hegel (2014), desde a substituibilidade no mito e na magia até a separação entre sujeito e objeto, é que laborar, trabalhar e buscar particularidades ainda desconhecidas se tornaram busca de conceitos e adequação à forma. O esclarecimento consumiu símbolos e adequou a linguagem à maneira imparcial para exprimir as novas explicações sobre os fenômenos. Assim, o processo do conhecimento está previamente decidido. Adorno e Horkheimer (1985, p. 32) compreenderam que “é verdade, porém, que ele acabou por fazer um absoluto do resultado sabido do processo total da negação: a totalidade no sistema e na história, e que, ao fazer isso, infringiu a proibição e sucumbiu ele próprio à mitologia”.

Para os pensadores frankfurtianos, o entendimento humano, ao se buscar o progresso pela técnica, uma vez que esse conhecimento foi matematizado, procurou a eficácia e a superação das explicações mágicas e religiosas. Este saber passou a explicar os fenômenos a partir do desencantamento do mundo, pois, “no trajeto para a ciência moderna, os homens renunciaram ao sentido e substituíram o conceito pela fórmula, a causa pela regra e pela probabilidade” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 18). Esse

conhecimento tornou-se poder, e este atende a todos os fins da dominação a partir da técnica. Para alcançar tal fim, a matéria para o esclarecimento foi e deve ser dominada “sem ilusão de qualidades ocultas” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 19). E tudo o que não se submeter à utilidade e à calculabilidade é e será entendido e explicado com suspeição, por isso, não pode deixar restos. Desse modo, a verdade da resposta científica absolutizada torna-se a razão do mundo.

O esclarecimento, ideologicamente, liberta-se das peias da coerção externa e, tornando-se ele o coator, por negar veracidade e confiabilidade às explicações que escapam à forma previamente dada à pesquisa, ao conhecimento e ao fenômeno, torna-se mito. Nessa perspectiva, sua explicação é inquestionada, insuspeita e nega a própria razão burguesa, que é especulativa na busca do conhecimento e, por isso, irrazão. Assim, “a razão pura tornou-se irrazão, o procedimento sem erro e sem conteúdo” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 78). A formação cultural, sob o domínio da (ir)razão, foi se desvirtuando, ideologicamente, pela inquestionabilidade lógica e racionalizada de suas explicações, sobre a maneira de organizar o acesso ao conhecimento e às instituições de educação escolar. Desse modo, o aparente zelo dos projetos constituidores dos currículos, da formação de professores, dos conteúdos técnicos e destituídos da crítica foi possibilitando a *Halbbildung*, a pseudoformação.

Há correlações entre a política e o desvirtuamento da formação cultural. Com a ascensão da burguesia ao poder político, a partir da Revolução Francesa de 1789, as diretrizes das liberdades, doravante ordenadas pelas constituições republicanas, definiram, pelo domínio da (ir)razão, a organização das relações entre os indivíduos: tanto as objetivas quanto as subjetivas. Dessa maneira, tem sido e vem sendo destituído ou esvaziado o sentido do que seja política. A aparência, ou a cortina necessária, é a própria sociedade real, “na medida em que o seu poderio integral substitui o sentido por ela própria arrasado” (Adorno, 1994, p. 88). Adorno referia-se à ideologia, em especial, à ideologia política, em que havia uma proposta de democracia como governo da maioria para um de governo de uma aparência meramente necessária como da vontade da maioria.

É esse o sentido da razão tornada (ir)razão na sociedade administrada, a da total racionalização burguesa. Apropriadamente, o sentido da vontade de cada indivíduo foi conduzido para a democracia representativa, aquela em que a população escolhe um representante. É necessário, preliminarmente, ponderar a democracia como reconhecimento de direitos dos indivíduos. Considera-se, a partir do conceito de Bobbio (2000, p. 30), como contraproposta às formas de governo autocrático e “conjunto de regras (primárias ou fundamentais) que estabelecem quem está autorizado a tomar as decisões

coletivas e com quais procedimentos”. É nesse momento de destituição da autonomia da vontade do indivíduo que a própria formação humana passa a ser erodida ou ideologizada.

O espírito que rejeita a racionalização - seu sortilégio - deixa de ser, por força de sua autorreflexão, o mal radical que o estimula no outro. - O processo, contudo, no qual os sistemas se decomuseram em virtude de sua própria insuficiência, faz contraponto ao processo social. Enquanto princípio de troca, a ratio burguesa realmente assimilou aos sistemas com um sucesso crescente, ainda que potencialmente assassino, tudo aquilo que queria tornar comensurável a si mesma, identificar consigo, deixando sempre cada vez menos de fora. Aquilo que se revelou como vão na teoria foi confirmado ironicamente pela práxis. (Adorno, 2009, p. 28).

Adorno (1995a), ao refletir sobre a experiência, esclarece que esta seria dialética e mediada pelo processo autorreflexivo, pois a relação com o objeto forma o sujeito e possibilita, pelo processo de mediação, que o conteúdo de verdade da experiência formativa o conduza à emancipação. Assim, o sujeito vislumbraria que o presente não se desdobrou necessariamente de sua manifestação no passado, mas na relação dialética, construída na perspectiva do confronto entre sujeito e objeto e suas verdades. Por consequência, a experiência formativa seria o movimento

no qual a proposta realizada adviria do confronto de sua limitação, o negativo, a dialética negativa seria o método buscado na formação crítica. A negatividade dialética implica tornar mais rigorosa a reflexão do que seja a formação, tanto em sua dimensão estética, como trabalho, quanto em sua dimensão artística como liberdade. Essa dialética em que se fundem identidade e contradição do pensamento em uma totalidade significativa, assim como afirma Adorno (2009) em *Dialética Negativa*:

O que é diferenciado aparece como divergente, dissonante, negativo, até o momento em que a consciência, segundo a sua própria formação, se vê impelida a impor unidade: até o momento em que ela passa a avaliar o que não lhe é idêntico a partir de sua pretensão de totalidade. Isso é o que a dialética apresenta à consciência como contraditório. Em função da essência imanente da consciência, a própria contraditoriedade tem o caráter de lei inevitável e fatal. A identidade e a contradição do pensamento são fundidas uma à outra. A totalidade da contradição não é outra coisa senão a não-verdade da identificação total, tal como ela se manifesta nessa identificação. Contradição é não-identidade sob o encanto da lei que também afeta o não-idêntico. (Adorno, 2009, p. 13).

A política é a possibilidade de impor a vontade de um grupo de indivíduos sobre os demais, conforme dissertou Max Weber (2004). Contudo, a proposta inicial da burguesia revolucionária clamou por liberdade e, antes mesmo, no

contexto da sua ascensão ao poder político, propôs um esclarecimento de seu próprio ideário. Contraditoriamente, a burguesia negou, ao chegar ao poder político, tanto a liberdade quanto o esclarecimento.

Na obra *Dialética do Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer (1985) questionam a dimensão regressiva assumida pelo esclarecimento, pois havia imiscuído em sua proposta de liberdade a regressão. Afinal, a racionalidade como esclarecimento era compatível com os interesses econômicos e burocráticos que organizaram a sociedade capitalista, administrando-a em tal profundidade que até a estética manifestou uma porção de regressão a partir da definição e assunção da cultura em seu processo de massificação como indústria, otimizando, assim, a não liberdade. A condição de agir livremente em uma sociedade capitalista de monopólio cultural e econômico reverte-se em um trabalho hercúleo, de verdadeira resistência aos embates da indústria cultural. “Lá onde o pensamento se projeta para além daquilo a que, resistindo, ele está ligado, acha-se a sua liberdade. Essa segue o ímpeto expressivo do sujeito” (Adorno, 2009, p. 24). Ao avaliar a situação atual de alienação e adaptação dos sujeitos aos ditames do capital e, ademais a organização do novo momento em que a social democracia, no capitalismo tardio, conforme denominou Adorno (1995b), considerou o progresso como de habilidades e conhecimento, deve-se refletir sobre a extensão desse processo ideológico a toda humanidade.

Recua-se para compreender que esse progresso rumou no “sempre melhor e melhor” (Adorno, 1995b, p. 39) e reificou o que fosse humanidade.

Logo, ao efetuar a reflexão sobre a política, no sentido de distribuidora do poder, e neste processo, a ação individual deixa de preponderar, posto ser o universal ou a sociedade que definem pelas escolhas o suposto melhor aos indivíduos (democracia e liberdade democrática). Cabe questionar a função da educação na formação de sujeitos resilientes, mas críticos e aptos às mudanças substanciais no modo de ser e agir em sociedade, resistindo às recomendações pragmáticas e de visão instrumentalista.

Adorno e Horkheimer (1985) criticam a transferência da obra de arte e da estética para a esfera do consumo massificado. Segundo Adorno (2009), as más mediações, ou o domínio sutil, marca a dominação na indústria da cultura e a regressividade estética, pois, nela a liberdade torna-se não liberdade para o sujeito convertido em objeto, na relação de consumo que marca a sociedade administrada. Adorno ainda insiste na percepção de que a obra de arte e a estética são espaços de resistência, de liberdade, de crítica e de experiência autêntica. Parte do processo do esclarecimento não mitificado, por consequência negadora da pseudoformação, leva à educação estética. Embora a estética contenha elementos regressivos, dialeticamente contém elementos emancipatórios e autênticos.

Essa dimensão emancipatória, na perspectiva adorniana, exige questionar a autenticidade da obra de arte. Nesse contexto, a autenticidade requer, como conceito, que o sujeito seja o que é, e remete à identidade, o ser igual a si mesmo. E aproxima liberdade e verdade, tanto quanto se autodetermina. Por consequência, a dialética mantém a tensão entre o real e o pensamento.

A identidade transforma-se na instância de uma doutrina da adaptação na qual o objeto pelo qual o sujeito tem de se orientar paga de volta a esse sujeito aquilo que ele lhe infringiu. Ele deve aceitar a razão contra a sua razão. Por isso, a crítica à ideologia não é nada periférico e intracientífico, algo limitado ao espírito objetivo e aos produtos do espírito subjetivo; ela é, sim, filosoficamente central: a crítica da própria consciência constitutiva. (Adorno, 2009, p. 129).

Segundo Adorno (1995a), a identidade tem, em sua gênese, o germe ideológico capaz de conduzir ao pensamento unificador, transformando-se em um cânon de adaptação. O que o sujeito entende de si em termos de reconhecimento e autonomia, o pensamento e o que se torna na sociedade administrada em termos de consumo, o objeto, sendo o real não vislumbrado ou refletido. Nessa relação, a não constituição do sujeito passa pela pseudoformação, a formação falseada, impedida pelos elementos regressivos e ideológicos que bloqueiam a

autodeterminação e a emancipação, o objeto. Tais bloqueios são impeditivos também por outros fatores que são objetivos, a instantaneidade do tempo, o controle da vida até na esfera da intimidade, são característicos da vivência. Vivência esta que foi construída, simbolicamente, como exigência da sociedade administrada, subjetiva e objetivamente: a frieza do aço alcançou o indivíduo que não diferenciado se tornou totalidade no comportamento, na subjetividade, na diligência do pensamento enredado pelo ter e que paralisa e impede culturalmente a constituição da experiência. “Os bens culturais que alimentam as massas tornam dominante o momento de adaptação, enquadrando-se numa sociedade adaptada, e rompem a memória do que seria autônomo” (Leo Maar, 1995a, p. 25-26). Com essa adaptação, a historicidade e a experiência do sujeito se perdem em consequência da falta de elaboração do passado e de ressignificação da história com suas lembranças e memórias que se constituíram em um tempo que não deve ser esquecido, devido ao sentido objetivo e subjetivo na experiência de vida dos sujeitos.

[...] a memória, o tempo e a lembrança são liquidados pela própria sociedade burguesa em seu desenvolvimento, como se fossem uma espécie de resto irracional, do mesmo modo como a racionalização progressiva dos procedimentos da produção industrial elimina junto aos outros restos da atividade artesanal também categorias como a da aprendizagem, ou seja, do tempo de aquisição da experiência no ofício. (Adorno, 1995a, p. 33).

Em Adorno (1995a), a experiência é autorreflexão e assim se torna preciso refletir sobre a cultura para vislumbrar a possibilidade da experiência cultural. Experiência que se forma no processo contraditório da civilização e em seus embates com a cultura, a política, a ética e a estética, na esfera da emancipação cultural e da crítica aos mecanismos alienantes. A autorreflexão levará à negação da adaptação, e essa experiência conduzirá ao processo da formação cultural que exige amor, esforço espontâneo, interesse e disposição à capacidade de se abrir aos elementos do espírito apropriando-os na consciência de sujeitos críticos.

Adorno revela que não há como fugir totalmente do princípio adaptativo, mas é preciso resistir aos processos controladores de adaptação que conduz à acomodação. “A educação por meio da família, na medida em que é consciente, por meio da escola, da universidade teria neste momento de conformismo onipresente muito mais a tarefa

de fortalecer a resistência do que de fortalecer a adaptação” (Adorno, 1995a, p. 144).

Adorno (1995a) alerta para a mudança histórica da educação e que a adaptação se realiza hodiernamente de maneira automática. Assim, nesta sociedade, o capital visa ao lucro e esse comércio de bens simbólicos e imateriais tornou-se lucrativo na medida em que passou a sofrer a mediação dos projetos culturais impostos pelos interesses de dominação econômica e política da indústria cultural, ou seja, não há uma relação de oposição entre sujeito que oferta o bem simbólico ou concreto (que tem também significado simbólico) e o objeto que o consome em um processo de assimilação de si pelo objeto.

A adaptação não ultrapassa a sociedade, que se mantém cegamente restrita. A conformação às relações debate-se com as fronteiras do poder. [...] Desse modo, a adaptação reinstala-se e o próprio espírito converte-se em fetiche, em superioridade do meio organizado universal sobre todo fim racional e no brilho da falsa racionalidade vazia. (Adorno, 2010, p. 12).

Implica compreender que os projetos culturais ofertados pela indústria cultural ressignificam a cultura, ocorrendo aí a mediação pelos extremos e os próprios extremos (Adorno, 1995b). E, nesse sentido, ocorre a adaptação do particular pelo universal, do sujeito que se torna o objeto. A inversão ocorre, e a mercadoria assume o

lugar do objeto, torna-se sujeito humanizado, atraente, sedutor, fetichiza-se. Assim, assume a escolha e o consumidor é escolhido pelo projeto da cultura industrial: valor, obsolescência programada, acessórios. Todos o querem, o mais sofisticado, tecnológico, rápido. Todavia, poucos o terão. Por isso, a própria indústria da cultura criou o Kitsch, o falso. Tal circunstância não reduz a sedução, somente a desvia temporariamente, induzindo ao objeto, sequioso pelo sujeito, delirante, neurótico, intensificando, sobremaneira, o desejo e se submetendo às condições de exploração que lhes são impostas para possuir este sujeito desejado.

Na sociedade administrada, parcela da população precisa de uma autoridade externa para orientar o rumo da ação dos indivíduos. Essas condições do controle, leve e imperceptível da vida, assumido pela indústria cultural conduziram à pseudoformação, impossibilitando a manifestação da autonomia. Tal circunstância impede a crítica, reduz a linguagem, por consequência, a comunicação, o debate público e a experiência ficam fragilizados em seu sentido cultural e crítico, uma vez que na indústria cultural os conteúdos instantaneizados conduzem a comportamentos infantis e levam à regressão e à personalidade autoritária. “Personalidades com tendências autoritárias identificam-se ao poder enquanto tal, independente de seu conteúdo. No fundo dispõem de um eu fraco, necessitando, para se compensarem, da

identificação com grandes coletivos e da cobertura proporcionada pelos mesmos” (Adorno, 1995a, p. 37). Adorno (1995a) alega que aquele que se identifica pode se anular como sujeito frente ao objeto. Consideram-se, nesta identificação do indivíduo, aqui considerado objeto, as instigantes ofertas da indústria cultural, suas tecnologias, seus meios de instigação de vontades.

O mercado de produtos, desde a organização do capitalismo, demanda consumidores, um deles é a educação. Na sociedade administrada, constituída com base no capitalismo, as cidades se organizam estruturalmente. Nessas, e com a industrialização, a sistematização do conhecimento científico propiciou e expandiu a escolarização, que atendeu aos interesses do mundo do trabalho. Com o avanço do crescimento econômico, técnico e a urbanização, a sociedade administrada universalizou o padrão de consumo, em que o objeto “consumidor” tem a realidade falseada; nela, na sociedade do capitalismo tardio, a “vida é um contínuo rito de iniciação” (Adorno; Horkheimer, 1985, p.127). Assim, as dificuldades são modeladas em novas iniciações, novos recomeços, novos consumos e novas promessas de recomeço, em uma perspectiva instrumental.

O indivíduo tornou-se apêndice da maquinaria social e ideológica. Esse foi e é obrigado a atuar conforme os mecanismos objetivos da sociedade administrada pela lógica do consumo. Nesses moldes instrumentais, não teve

e não tem a possibilidade de autonomia, tornando-se heterônomos e apêndices da maquinaria social. Adorno (1995b, p. 186) desmistifica a prática social alienante ao afirmar que “se a estrutura dominante da sociedade reside na forma da troca, então a racionalidade desta constitui os homens”.

A pseudoformação é a inversão ocorrida a partir da situação sócio-histórica construída na sociedade administrada. Nela, a liberdade postulada tornou-se a jaula de ferro: o individualismo, a frieza, a incapacidade da autonomia pela ausência da experiência, pois a sociedade administrada possibilita a liberdade possível, o controle até no lazer, e o indivíduo tem suas escolhas, livres, dentro do possível ofertado. Enfim, esse mecanismo de instrumentalização, operacionalizou o retrocesso da consciência, a regressão da formação e o impedimento de realização de experiências.

Conforme Adorno (1995a), o travamento da experiência deve-se à repressão do diferenciado em prol da uniformização da sociedade administrada e à repressão do processo a favor do resultado, falsamente independente, isolado. A experiência formativa caracterizaria, na atualidade, mais do que a falta de conteúdo formativo.

A teoria e a experiência espiritual carecem de seu efeito recíproco. Aquela não tem respostas para tudo, mas reage ao mundo falso até o seu ponto mais íntimo. A teoria não possui nenhuma jurisdição sobre aquilo que se subtrai a seu encantamento. A mobilidade é essencial para a consciência, não é nenhuma propriedade contingente. Ela visa a um duplo modo de comportamento: aquele que vem do interior, o processo imanente, o comportamento propriamente dialético; e um comportamento livre, que vem à tona como que a partir da dialética, sem vinculação. (Adorno, 2009, p. 34-35).

É que ao longo da história, com as transformações sociais e da racionalidade metafísica para a racionalidade moderna, modifica-se então o modelo de formação e, nessa mudança, a “[...] semiformação passou a ser a forma dominante da consciência atual, o que exige uma teoria que seja abrangente” (Adorno, 2010, p. 9). Resistir ao modelo de formação cultural que lhe foi imposto historicamente requer autoconhecimento, conhecimento filosófico e científico, além de uma formação autônoma com base em uma educação estética e ética. Essa formação se constitui na dedicação ao estudo teórico, com olhar dialético para que a práxis se efetive na realidade, conduzindo à construção de uma mudança substantiva na experiência e na vivência do ser humano, modificando seu modo de agir no seu contexto cultural.

Com o esvaziamento da razão no sentido clássico, devido à racionalidade técnica de predomínio na sociedade, as “[...] desproporções resultantes da transformação mais lenta da superestrutura em relação à infraestrutura aumentaram o retrocesso da consciência” (Adorno, 2010, p. 27). O retrocesso da consciência leva à pseudoformação, processo de regressão cultural incentivado pela produção ideológica da indústria cultural em sua racionalidade instrumental e de subserviência ao capital. Quanto ao caráter (de)formativo, em seu aspecto pragmático, este nega a formação educativa. Cabe refletir sobre a formação para Adorno “[...] a formação nada mais é que a cultura tomada pelo lado de sua apropriação subjetiva. Porém, a cultura tem um duplo caráter: remete à sociedade e intermedeia esta e a semiformação” (Adorno, 2010, p. 9). A pseudoformação simboliza a consciência que renunciou a autonomia a pensar o próprio pensamento, a autodeterminação.

Adorno (2010) critica as produções culturais e artísticas com histórias romanceadas que possam levar o interlocutor a se identificar de modo imediato, sem questionar os processos de alienação velados nesse contexto imaginário de fantasia. “Confiante na ignorância, o mercado cultural dela nutre-se e a ela reproduz e reforça. A alegre e despreocupada expansão da formação cultural, nas condições vigentes, é, de modo imediato, sua própria aniquilação” (Adorno, 2010, p. 28).

Diante do processo de adaptação e enrijecimento da formação humana, a “[...] dialética da formação fica imobilizada por sua integração social, por uma administração imediata. A semiformação é o espírito conquistado pelo caráter de fetiche da mercadoria” (Adorno, 2010, p. 25). Nesse sentido, a pseudoformação, advinda de uma administração do pensamento falseado pelo caráter ideológico do fetiche dos produtos da indústria cultural, destitui o sentido da formação cultural – Bildung – em um processo de decadência do ser humano. Isso acontece não somente na educação formal, escolarizada, mas em todas as instâncias culturais que mediam a (de)formação dos indivíduos, com o aprisionamento de seu corpo e limitando seu pensamento ao pragmatismo, em uma negação da dimensão cultural e da educação estética e formativa na perspectiva ética e política em sentido filosófico.

Referências

- ADORNO, T. W. **EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO**. TRADUÇÃO: WOLFGANG LEO MAAR. 4. ED. SÃO PAULO: PAZ E TERRA, 1995A.
- ADORNO, T. W. **PALAVRAS E SINAIS – MODELOS CRÍTICOS 2**. TRADUÇÃO: MARIA HELENA RUSCHEL. SUPERVISÃO: ÁLVARO VALLS. PETRÓPOLIS: VOZES, 1995B.
- ADORNO, T. W. **TEORIA ESTÉTICA**. LISBOA: EDIÇÕES 70, 2008.
- ADORNO, T. W. **DIALÉTICA NEGATIVA**. TRADUÇÃO: MARCO ANTÔNIO CASANOVA. RIO DE JANEIRO: ZAHAR, 2009.
- ADORNO, T. W. TEORIA DA SEMIFORMAÇÃO. *IN*: PUCCI, B; ZUIN, A. S.; LASTÓRIA, L. A. C. N. **TEORIA CRÍTICA E INCONFORMISMO: NOVAS PERSPECTIVAS DE PESQUISA**. CAMPINAS, SP: AUTORES ASSOCIADOS, 2010. P.7-40.
- BOBBIO, NORBERT. A ERA DOS DIREITOS. *IN*: BOBBIO, NORBERT. **A ERA DOS DIREITOS**. TRADUÇÃO: CARLOS N. COUTINHO. 18. ED. RIO DE JANEIRO: CAMPUS, 2000. P. 49-65.
- FREUD, S. **MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO: NOVAS CONFERÊNCIAS INTRODUTÓRIAS À PSICANÁLISE E OUTROS TEXTOS (1930-1936)**. TRADUÇÃO: PAULO CÉSAR DE SOUZA. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 2016.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. **DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO: FRAGMENTOS FILOSÓFICOS**. TRADUÇÃO: GUIDO ANTÔNIO DE ALMEIDA. RIO DE JANEIRO: JORGE ZAHAR ED., 1985.
- LEO MAAR, W. À GUIA DE INTRODUÇÃO: ADORNO E A EXPERIÊNCIA FORMATIVA. *IN*: ADORNO, THEODOR A. **EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO**. TRADUÇÃO: WOLFGANG LEO MAAR. SÃO PAULO: PAZ E TERRA, 1995. P. 11-28.
- WEBER, MAX. **ECONOMIA E SOCIEDADE: FUNDAMENTOS DA SOCIOLOGIA COMPREENSIVA**. 4. ED. TRADUÇÃO: REGIS BARBOSA E KAREN ELSABE BARBOSA. REVISÃO TÉCNICA: GABRIEL COHN. BRASÍLIA, DF: EDITORA DA UNB, 2004. 2V.